

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 O LUGAR DO BIBLIOTECÁRIO NAS SOCIEDADES DA INFORMAÇÃO...	13
3 A UNIVERSIDADE NO BRASIL E O ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA: TRAJETÓRIA E TRANSFORMAÇÕES CURRICULARES AO LONGO DOS TEMPOS.....	24
4 A ABORDAGEM MULTIRREFERENCIAL NA FORMAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO: SUBSÍDIOS PARA AÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO....	38
5 TAR – TEORIA ATOR REDE COMO REFERENCIAL TEÓRICO- CONCEITUAL NA CONSTRUÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA..	50
6 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	59
6.1 DEFINIÇÃO DO CAMPO EMPÍRICO.....	60
6.2 DEFINIÇÃO DOS INSTRUMENTOS DA PESQUISA E DE CRITÉRIOS PARA ANÁLISE DOS DADOS.....	64
7 CENTRO DE CÁLCULO X PERIFERIA: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS.....	83
7.1 O EDITAL DO BNDES <i>VERSUS</i> CURRÍCULOS DA UNIRIO.....	84
7.2 O EDITAL DO BNDES <i>VERSUS</i> CURRÍCULOS DA ESPSP.....	91
7.3 O EDITAL DO PETROBRAS <i>VERSUS</i> CURRÍCULOS DA ESPSP.....	95
7.4 O EDITAL DO PETROBRAS <i>VERSUS</i> CURRÍCULOS DA UNIRIO.....	100
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
REFERÊNCIAS.....	109
ANEXOS.....	115
ANEXO A – PARTE DOS EDITAIS DOS ANOS DE 2008, 2009 E 2012 DO BNDES - CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS SOLICITADOS PARA O CARGO DE BIBLIOTECÁRIO.....	115
ANEXO B - PARTE DOS EDITAIS DOS ANOS DE 2006 E 2012 DA PETROBRAS - CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS SOLICITADOS PARA O CARGO DE BIBLIOTECÁRIO.....	134

1 INTRODUÇÃO

Na certeza de que estamos vivenciando uma, das diversas sociedades da informação que já existiram e ainda existem, buscamos através do presente estudo entender de forma contextualizada a formação do Bibliotecário em diferentes espaços geográficos (Rio de Janeiro e São Paulo) e sua preparação para o exercício profissional no mundo do trabalho. Para empreender tal análise consideramos os seguintes fatores: a diversidade cultural, social, política, histórica, bem como a tecnologia e a inevitável influência da globalização sob a profissão.

O exercício da profissão de bibliotecário sempre exigiu dos profissionais da informação, entendimentos e reflexões que extrapolam o contexto dos currículos acadêmicos. As competências exigidas para o exercício da profissão a todo o momento estão se modificando e ganhando novas roupagens. Contudo, não podemos desconsiderar conceitos e noções estruturais deste campo do saber. Trabalhar com/ou o *artefato informação* é uma tarefa que exige dos profissionais bibliotecários a perspicácia de entender um objeto que muitas vezes é intangível, invisível, mas de vultoso valor para o mundo globalizado.

A diversidade do campo profissional contemporâneo nos permite inovar e revitalizar a figura do bibliotecário muitas vezes vinculado apenas aos espaços das bibliotecas e serviços convencionais.

Desse modo, este estudo buscou verificar se os currículos acadêmicos aproximam-se ou distanciam-se das demandas do mundo do trabalho através da comparação entre os programas das disciplinas curriculares obrigatórias e um recorte das demandas do mundo do trabalho. Tal recorte não desconsiderou a multiplicidade dos espaços em que hoje o bibliotecário pode e deve atuar, mas na impossibilidade de investigar todos esses espaços, devido a delimitação de prazo para a realização deste estudo, optamos pelos seguintes segmentos do mundo do trabalho: sociedade de economia mista e empresa pública federal.

Nosso objetivo maior é verificar, no processo de formação do bibliotecário, se as propostas curriculares estão em sintonia com o mundo do trabalho, levando em conta as temáticas solicitadas pelo conteúdo descrito nos editais analisados. E, ainda, se existem trocas e influências entre os pólos aqui retratados (formação X mundo do trabalho).

Tomaél e Alvarenga (2000, p. 82) reforçam a motivação que nos levou a desenvolver o presente estudo ao afirmarem que:

O profissional que hoje se requer, precisa entrar em sintonia com as transformações do mundo contemporâneo, principalmente no que se refere à tecnologia. É imprescindível que os cursos de graduação, responsáveis pela formação deste profissional, estejam preparados e em consonância com o exercício profissional no mercado de trabalho.

Desse modo, com apoio na argumentação desses autores, iniciamos este estudo que está estruturado em oito capítulos, alguns se dividindo em subseções. A seguir detalhamos os itens que compõem o estudo.

Em um primeiro momento, consideramos ser necessário fazer uma breve contextualização do *lôcus* em que nos fixamos para iniciar o trabalho. No contexto da Sociedade da Informação, entendemos que todas as Sociedades foram e são da informação, e por essa razão, no capítulo 2, buscamos identificar o lugar do bibliotecário nas sociedades da informação sob a perspectiva da Ciência da Informação. Para isso, partimos do entendimento de que a informação perpassa todas as áreas do conhecimento e dessa forma estabelece relações e oportunidades infinitas para o campo profissional do bibliotecário. Ferreira (1999, p.7) reforça esta ideia ao afirmar que “refletir sobre a Ciência da Informação é repensar o papel da informação na sociedade da informação, preocupação que se estende aos seus impactos econômicos, sociais, educacionais e culturais”. A Ciência da informação, ao estudar questões que envolvem a informação e seus fluxos e processos em qualquer campo informacional, nos abre um leque de oportunidades que não poderão ser desconsideradas no processo de formação do bibliotecário. Depreende-se aqui a variedade de oportunidades e contextos de trabalho onde o bibliotecário pode se estabelecer.

A reflexão sobre o papel da informação nas sociedades da informação está diretamente ligada a história da profissão de bibliotecário e, por isso, não poderia ser deixado de lado neste estudo. Sua importância e valor crescem na sociedade atual numa velocidade tal que se assumirmos com vigor o nosso papel de profissionais da informação, juntamente com outros profissionais da área de informação, agregaremos valor e importância muito maior à profissão.

Estabelecido o contexto onde se insere o estudo, no capítulo 3, consideramos necessário entender como e em que momento surge a universidade no Brasil e

quando a Biblioteconomia se estabelece como um curso superior e adentra os muros da universidade. Esta trajetória histórica nos permitiu compreender as transformações dos perfis curriculares ao longo dos tempos e as forças que regeram o contexto de criação da universidade no Brasil e sua influência institucional sobre os currículos e a formação do bibliotecário.

Ainda, sobre a história da Biblioteconomia, no contexto do presente estudo, consideramos coerente identificar as relações e trocas existentes entre a formação do bibliotecário e as demandas informacionais advindas do mundo do trabalho. Para isto recorremos à história da profissão, a partir do nascimento da Biblioteconomia no contexto brasileiro, suas influências, transformações e articulações curriculares ao longo dos anos, desde a sua criação no Rio de Janeiro e desdobramento em São Paulo.

Dando continuidade ao estudo, já situado no tempo e na história, no capítulo 4, discutimos a complexidade da formação do bibliotecário, não no sentido de dificuldade, mas no sentido de compreender a necessidade de existir uma pluralidade de fazeres, de perfis, de concepções e de competências que permita ao profissional trabalhar nas mais distintas áreas informacionais, de acordo com o contexto e situação em que estas se inserem. Esta proposta dispensa um olhar fragmentado das ações e contextos de informação presente no imaginário coletivo social. Propomos verificar uma formação que prepare o bibliotecário para qualquer questão que envolva a organização, tratamento e disponibilização da informação. Para isso entendemos que a profissão do bibliotecário vai muito além do horizonte da catalogação e classificação. Pensar a diversidade de contextos informacionais onde o bibliotecário pode atuar pode ser ilimitado.

Para desenvolver essa discussão nos inspiramos na proposta de Jacques Ardoino¹ e sua abordagem multirreferencial aplicada às situações educativas e formativas. Apoiados na teoria deste teórico, buscamos explicar nosso entendimento sobre a pluralidade funcional (referente a capacidade de propor soluções informacionais) e contextual (referente a identificação e compreensão do campo informacional) para a formação do bibliotecário, propondo uma discussão sobre a

¹ Professor da Universidade de Vincennes (Paris VIII), um dos principais nomes das Ciências Humanas na atualidade, o educador tornou-se referência educacional ao elaborar uma *epistemologia plural* para as Ciências da Educação e Antropossociais, com base em uma perspectiva da prática educacional. Entendemos ser esta uma formação mais próxima do ideal para o bibliotecário nas sociedades da informação em que a heterogeneidade é o ponto de partida epistemológico, ético, político e formativo.

importância da reflexão acerca das ações de informação, considerando o legado que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) trazem para o campo informacional em termos de qualidade, credibilidade e validade da informação.

O capítulo 5, descreve o referencial teórico-conceitual adotado para o percurso e desenvolvimento deste estudo. Como trabalhamos com duas fontes de pesquisa: currículos e editais de concurso, encontramos autores e pesquisadores de outras áreas do conhecimento que confirmam o caráter interdisciplinar da Ciência da Informação, principalmente por demonstrarem em seus textos interesse em temáticas que envolvem a informação, suas possibilidades e seus fluxos.

Encontramos no cruzamento entre a Teoria Ator Rede (TAR) de Bruno Latour e a abordagem multirreferencial de Jacques Ardoino amparo teórico-conceitual para estudarmos e propormos discussões sobre a formação do bibliotecário e o mundo do trabalho, bem como o giro informacional que alimenta estes dois extremos.

Consideramos que entender a informação sob qualquer forma de representação e seus mecanismos de processamento e fluxo é fundamental para a construção de um profissional apto a atuar no mundo do trabalho. A contribuição de Latour (2000a) para este estudo configura-se através de sua concepção de *centros de cálculo e periferia*. A troca e retroalimentação de informações entre estes dois campos permitiu estabelecer uma maneira de estudarmos o objeto informação no âmbito da formação profissional do bibliotecário e sua atuação no mundo do trabalho.

Cronin, Stiffler e Day (1993, p. 273) reforçam esta ideia ao afirmarem que

Abrem-se oportunidades dentro e fora o mercado para os profissionais da informação devidamente qualificados. Dentro de ambientes de bibliotecas tradicionais, há uma demanda crescente para especialistas com habilidades não-tradicionais e atitudes, enquanto, fora desses ambientes, a demanda por profissionais da informação devidamente qualificados parece crescer.

No capítulo 6, apoiados na proposta metodológica da análise de conteúdo de Bardin (2011) buscamos identificar se existe ou não uma relação/comunicação entre as temáticas presentes nos currículos, escolhidos pelo estudo, e os conteúdos solicitados pelo mundo do trabalho, identificados através dos editais de concursos, escolhidos para a comparação. A análise de conteúdo nos permitiu entender o conteúdo das mensagens dos currículos e verificar se estas encontram receptividade no mundo do trabalho.

No capítulo 7, analisamos os documentos selecionados por este estudo, utilizando as contribuições teórico-metodológicas de Bruno Latour sob centros de cálculo e periferia para o campo da Ciência da Informação. Buscamos compreender e fomentar um debate sobre a existência ou não de uma relação simétrica entre a formação do bibliotecário e o mundo do trabalho e, assim, promover uma discussão sobre as relações interdisciplinares motivadas por este cruzamento de informações.

Finalmente caminhamos para o último capítulo tecendo nossas conclusões sobre as análises aqui descritas, certos de que a informação presente nos documentos analisados são transitórias e deverão modificar-se na medida em que as sociedades da informação se transformam.

2 O LUGAR DO BIBLIOTECÁRIO NAS SOCIEDADES DA INFORMAÇÃO

Ao longo dos anos as transformações sociais, econômicas e políticas impactam o fazer das profissões e seus modos de atuação e interação em sociedade.

Em diferentes épocas da história mundial a transformação da informação e de seus fluxos, bem como as condições sociais, políticas e geográficas de produção, armazenamento e disseminação, influenciaram, ou não, sua valorização [da informação], ora enquanto objeto, ora enquanto processo, ora enquanto conhecimento.

Burke (2003) em seu livro *História social do conhecimento* recupera na história o termo “sociedade da informação” e identifica a preocupação, desde há muito tempo, com o controle da informação para fins administrativos e políticos. Além disso, demonstra que não há nada de novo nem relacional com a informação tecnológica, como é vista em muitos textos contemporâneos. A supremacia dos impérios dava-se graças ao sigilo e valor da informação que circulava entre as soberanias. A noção de rede de informações também já era tida como estratégica e valorizada nesse período. Em um trecho do referido livro, Burke destaca que “uma ampla rede, bem organizada e extremamente eficaz, para recolher informações” garantia a hegemonia de determinados impérios (BURKE, 2003, p. 116).

Essa afirmação nos leva a inferir que a informação desde sempre foi insumo de valor, cujo acesso se dava apenas para um grupo seleto de pessoas. Enquanto objeto estratégico para controle social mundial a informação sempre foi vista como um bem que, ao longo do tempo, foi sendo acessado por uma parcela maior da população. Contudo, desde sempre, necessitou de capital cultural e intelectual para ser recuperada e acessada efetivamente. Questões que envolvem a informação e seus fluxos e que alguns autores colocam como sendo contemporâneas e indissociáveis das TICs, são vivenciadas e problematizadas desde os tempos medievais e se repetem, de maneira modificada na atualidade.

As autoras Ríos e Martínez (2012) reforçam nossa argumentação ao trazerem de forma sucinta e objetiva a história das sociedades e sua relação com a informação e com o conhecimento. Numa breve retrospectiva, elas relatam em seu artigo: *La sociedad del conocimiento: inclusión o exclusión*, a valorização e

apreciação da informação enquanto artefato de poder e sua utilização para fins evolutivos da humanidade, desde a mitologia até os tempos atuais.

Segundo a mitologia grega, o conhecimento também era um tesouro possuído apenas pelos deuses, Prometeu teve que roubar o fogo para trazer um pouco de calor para os homens impotentes, compartilhando com eles este, e outros conhecimentos de grande importância para a humanidade [...] (RIOS; MARTÍNEZ, 2012, p. 80, tradução nossa).

Ao aparecer sob várias perspectivas, a informação pode provocar relações interdisciplinares da Ciência da Informação com outras disciplinas do conhecimento. A articulação do objeto da Ciência da Informação na sociedade contemporânea deve considerar não só os aspectos tecnicistas, mas também suas bases e reflexões teóricas, que propiciem discussões e que contribuam para o avanço do campo do conhecimento e entendimento na contemporaneidade.

A contribuição da tecnologia para a Ciência da Informação é indiscutível, mas não pode ser considerada como única condição para a proposição de estudos no campo. A informação enquanto objeto da Ciência da Informação irá transitar em diversas “situações de pesquisa” que envolve, ou não, a tecnologia. O que não podemos perder de vista é que a Ciência da Informação fornece a teoria para entendermos os processos por onde a informação circula, a fim de organizá-la e, a partir daí, entendê-la e acessá-la como um bem público, cujo valor social se dará nas esferas públicas e privadas. Neste sentido, Moraes (2013, p. 14) afirma que

[...] a informação, da qual a Ciência da Informação tem como objeto, está cada vez mais presente na sociedade em forma de fluxos e não mais como algo que estava fixado em determinado lugar, cujo fluxo era uniforme e unidirecional..., os fluxos informacionais são multiformes, multidirecionais. A informação pode ser produzida em qualquer lugar pelos sujeitos sociais e pode ser difundida por meio de quaisquer mídias para vários outros receptores sem uma direção e uma forma definida.

A revolução da tecnologia da informação, sua rápida propagação e adesão global entre os países trouxeram, e ainda trazem, consequências sociais involuntárias. Embora Castells (1999) afirme que a sociedade não determina a tecnologia, entendemos que o Estado e suas políticas adotam ações que interveem na aceleração ou desaceleração da propagação das tecnologias na sociedade.

Já o inverso pode ser verdadeiro, segundo Castells (1999) a tecnologia pode vir a determinar a sociedade. Esta afirmação encontra justificativa quando as

políticas de Estado abraçam o processo acelerado de modernização tecnológica. Se considerarmos o exercício da atividade laboral uma prática social, a tecnologia pode não determinar a sociedade, mas influencia o processo de transformação das práticas sociais e consequentemente, do exercício profissional.

Neste sentido, entendemos que a transformação social promovida por esta revolução tecnológica impõe, mais uma vez, uma nova ordem informacional, provocando inevitavelmente um movimento constante de análise e reformulação curricular, principalmente para os profissionais de informação², porque estes, pelo menos em tese, estarão recebendo em seus locais de trabalho demandas geradas por esta revolução tecnológica, e que tem nos sistemas de informação sua aplicabilidade prática.

Como contraponto a este cenário, aparentemente homogêneo e moderno, postulado pelas tecnologias e seus recursos globais, consideramos importante apontar também para a chamada “sociedade da desinformação”. Num país como o Brasil, onde os índices de desigualdades econômico e social estão sempre em destaque, essas duas realidades sempre coexistirão. Desse modo, ao voltarmos o olhar para o bibliotecário nas sociedades da informação, é importante destacar que nela, a sociedade da desinformação estará sempre presente e inevitavelmente, em algum momento, poderá nos alcançar em nossas práticas profissionais. Para corroborar este entendimento, Castro e Ribeiro (1997, p. 21) enfatizam que:

Ao lado da Sociedade da informação, há sem dúvida uma outra – a Sociedade da desinformação – que pouco é retratada, porque aquela esconde esta, ou esta não é objeto de desejo da Biblioteconomia. Ao tratarmos da primeira, sem desviarmos o olhar da “outra”, construímos um discurso vazio de sentidos.

Assim, ao reconhecemos as mudanças e transformações ocupacionais ocorridas na profissão do bibliotecário ao longo do tempo, devemos reconhecer também que elas se justificam graças às transformações e interesses econômicos, tecnológicos e sociais demandados pelas grandes potências ao longo dos anos. O eixo teórico adotado por este estudo entende que todas as sociedades foram sociedades da informação, e por este motivo, descarta o protagonismo exclusivo da tecnologia como propulsora da Sociedade da Informação. A partir deste

² Consideramos para fins deste estudo apenas o bibliotecário como profissional da informação. Adotamos a definição estabelecida pela CBO - Classificação Brasileira de Ocupações.

posicionamento, buscamos identificar o lugar do bibliotecário ao longo dos tempos nas sociedades da informação.

Numa retrospectiva histórica mundial, Ortega y Gasset (2006, p. 18) nos remete a Idade Média, quando a ocupação com livros ainda é “infra-social, não aparece para o público: está latente, secreta, confinada no recinto secreto dos mosteiros”.

Com a chegada do Renascimento, o livro se mostra sob outra perspectiva, não só como fonte da doutrina religiosa. Neste período há um despertar da escrita descompromissada com a religião. A socialização da produção literária através dos livros, cujos conteúdos traziam relatos de estudos, frutos da razão do homem, gera em contrapartida um interesse maior, cujas leituras trazem histórias que aproximam as pessoas comuns³ dos livros e da leitura.

A liberdade de escrita inaugurada neste período atrai os leitores de várias classes, produzindo um avanço social para quem lê, para quem escreve e para quem trata, organiza e disponibiliza a literatura produzida.

Neste sentido, Ortega y Gasset (2006, p. 20) ilustra bem a figura do bibliotecário deste período que irá tratar este material: “geniais bibliotecários renascentistas, que são grandes caçadores de livros, astutos e tenazes”.

No século XV, com o surgimento da imprensa no ocidente, os livros e as bibliotecas crescem, e conseqüentemente a atuação dos bibliotecários se faz mais importante. Tínhamos uma profissão social espontânea⁴, ainda não reconhecida pelo Estado.

Por volta dos anos de 1850, com o aumento exponencial do número de publicações e exemplares impressos o Estado percebe a necessidade de tornar oficial a profissão do bibliotecário, devido à demanda em organizar e tratar estes documentos para disponibilizá-los para a sociedade. Com essa explosão da informação proporcionada pela imprensa, o livro torna-se imprescindível socialmente e politicamente, e, por conseguinte, a profissão do bibliotecário torna-se necessária e legítima para tratamento e organização do material produzido. Segundo Ortega y Gasset (2006, p. 25) “reconhece-se no livro uma função pública e o considera um organismo político fundamental”.

³ Pessoas não eruditas, porém letradas.

⁴ Definição dada por Ortega y Gasset em seu livro *Missão do Bibliotecário*. Brasília: Briquet de Lemos, 2006. p. 22.

A legitimação da profissão se dá quando o “fazer” começa a ser visto publicamente e ostensivamente. Nesta perspectiva, a publicidade e ostensividade foram garantidas, inicialmente, no Renascimento com a criação e expansão da imprensa. Segundo Ortega y Gasset (2006, p. 44),

todas as atividades humanas começam com um exercício espontâneo e sem regras. Mas todas elas quando, devido a sua própria extensão, se complicam e atropelam, entram em um período em que se submetem à organização.

Ou seja, são legitimadas pelo Estado.

É relevante mencionar que num contexto global e importante para o estudo da profissão, Gomes (1980) destaca uma “mudança de orientação” no perfil da profissão. Segundo ela: “esta mudança de orientação, da erudição para o serviço ao público... manifestou-se claramente em 1876, ao ser fundada a American Library Association - ALA.” E reforça esta transformação no perfil da profissão ao afirmar que: “foi nessa época que a Biblioteconomia começou a tomar caminhos diferentes que não tem cessado de diversificar-se” (GOMES, 1980, p. 94).

Ao recorrermos à história da Biblioteconomia enquanto profissão, anteriormente a sua institucionalização, temos desde o surgimento do fazer do bibliotecário, ainda nas bibliotecas dos mosteiros, a preocupação com a informação propriamente dita e a necessidade de se garantir a guarda e o sigilo desta, e não propriamente do livro enquanto suporte. Este foco na informação e não no suporte serviu de orientação na pesquisa realizada, na medida em que, segundo Valentim (2000), os cursos formadores devem procurar ministrar conteúdos que estejam revestidos de uma formação técnica e humanista, voltados para o paradigma da informação.

A ação profissional do bibliotecário ao longo dos tempos sofreu diversas transformações e supõe-se que as propostas curriculares dos cursos acompanharam essas transformações. Segundo Hannon (2013, p. 19) o problema que leva os profissionais a não se inserirem no mundo do trabalho ou não se manterem nele tem origem na “falta de capacidade [dos] sistemas educacionais se adaptarem às mudanças que ocorrem no mercado. Novas qualificações são necessárias para crescer neste ‘novo’ mercado de trabalho – denominado por setores de conhecimento intensivo”.

Daniel Bell em seu livro “**O advento da sociedade pós-industrial**” evidencia a formação profissional ao afirmar que

Uma profissão é uma atividade aprendida (isto é, própria de um erudito), implicando assim um treinamento formal, mas dentro de um contexto intelectual amplo. Estar dentro de uma profissão significa receber um certificado, formal ou informalmente, fornecidos por seus próprios pares ou por algum organismo estabelecido dentro da profissão. E uma profissão personifica uma norma de responsabilidades sociais. O que não significa que os profissionais sejam mais caridosos ou tenham um espírito mais elevado que seus semelhantes, mas sim que as expectativas com relação a sua conduta decorrem de uma ética de serviços, que é anterior, como norma, à ética do interesse pessoal. Por todos esses motivos, a ideia de uma profissão implica uma ideia de competência e autoridade, técnica e moral, e que o profissional assumirá uma posição hierática na sociedade. (BELL, 1973, p. 409-410).

O quadro abaixo, Castro (1997) remonta as características das diversas sociedades, da primitiva à atual. Em todas elas a informação aparece sob contextos e formatos diversificados, ou seja, o giro informacional dos modos de produção, comunicação e realização existiram e sempre existirão de maneira diferenciada, tanto no âmbito social, quanto no científico e acadêmico, como no mundo do trabalho. Daí a coexistência das sociedades da informação e da desinformação e a necessidade de estarmos profissionalmente aptos a responder as demandas oriundas do mundo do trabalho.

Quadro 1 – Transformações das sociedades da informação

(continua)

SOCIEDADE PRIMITIVA	SOCIEDADE FEUDAL	SOCIEDADE INDUSTRIAL	SOCIEDADE PÓS-INDUSTRIAL OU DA INFORMAÇÃO
 Natureza – fator de agregação  Economia centrada na troca	 Terra – fator de agregação  Economia agrícola e monetária	 Relação homem-máquina  Produção em série  Economia capitalista	 Relação homem/conhecimento  Informação desterritorializada  Inteligência humana X inteligência artificial

Quadro 1 – Transformações das sociedades da informação

(conclusão)

SOCIEDADE PRIMITIVA	SOCIEDADE FEUDAL	SOCIEDADE INDUSTRIAL	SOCIEDADE PÓS-INDUSTRIAL OU DA INFORMAÇÃO
- Informação localizada e rudimentar - Atividades manuais	- Atividades manuais desenvolvidas e em sistemas de cooperativas - Informação localizada e centralizada em espaços determinados (mosteiros, universidades) e privilegiados (ensino humanista para os nobres e “sub-leitura/informação”)	- Conhecimento tecnológico em detrimento do intelectual - Relações de trabalho conflituosas - Cidade no lugar do campo - Mão de obra especializada em maquinários - Informação sigilosa e localizada - Redes e sistemas de informação nacionais - Atividades profissionais centradas em empresas	- Conhecimento determina as leis de mercado - Economia neo-liberal - Metalinguagens e meta-informação - Redes de sistema de informação transnacionais - Atividades profissionais destituídas do lugar físico - Redes e sistemas de informação nacionais - Atividades profissionais e centradas em empresas.

Fonte: Castro, 1997.

A partir do quadro acima é possível perceber o comportamento da informação em cada sociedade, bem como seu status e alcance ao longo dos tempos, reforçando o nosso entendimento de que as Sociedades da informação não se